

# A NOÇÃO DE LIMITE: A BASE POÉTICA DA ÉTICA DE EPICURO

Renato dos Santos Barbosa<sup>1</sup>

## RESUMO

A ética epicurista se fundamenta na noção poética de limite (*péras/hóros*). O objetivo deste trabalho é apresentar a ética de Epicuro por meio da investigação dos textos em que a noção de limite é enfatizada. Epicuro também é partidário da equalização entre bom e belo (*kalòs kai agathós*) e partilha da noção de belo definida na *Poética* de Aristóteles. Esta noção se fundamenta nas noções de *péras* e *hóros* que, por sua vez, servirão de base para a ética Epicurista. O bem é identificado com o prazer (*hedoné*) e este não pode ser alcançado à revelia da consecução de uma vida bela. A felicidade depende da prática constante de observação dos limites do corpo e das possibilidades de atuação do homem na natureza. O artigo de P. De Lacy (1969) fundamenta esta interpretação. *Máximas Capitais*, *Sentenças Vaticanas* e as *Cartas a Heródoto* e a *Meneceu* são os textos de Epicuro que servem de base para o trabalho. A *Poética* de Aristóteles também se configura como texto importante, bem como os textos *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres de Diógenes Laércio*, *Epicurea* de H. Usener e o *De Rerum Natura* de Lucrécio. A partir da investigação das edições em grego destes textos, edição em latim no caso do *De Rerum Natura*, são delimitadas as passagens em que figuram os termos correspondentes à noção de limite.

**Palavras-chave:** Limite. Belo. Natureza. Ética.

## RÉSUMÉ

L'éthique épicurienne se base sur la notion de limite (*péras/hóros*). L'objectif de ce travail est montrer l'éthique épicurienne par l'investigation des textes où la notion de limite est souligné.

---

<sup>1</sup> Bacharel, mestre e doutorando em Filosofia.

Épicure défend l'équation du bon et beau (*kalòs kai agathós*) et se soit servi de la notion de beau définie dans la *Poétique* d'Aristote. Cette notion se base sur les notions de *péras* et *hóros* que, aussi, servent de fondement par l'éthique épicurienne. Le bien est identifié avec le plaisir (*hedoné*) et ne peut pas être atteint sans la réalisation d'une vie belle. La félicité dépende d'une pratique constant d'observation des limites du corp et des possibilités d'actuation de l'homme dans la nature. Le travail de P. De Lacy (1969) fournit le fondement de cette interpretation. *Maximes Capitales*, *Sentences Vaticanes* et les *Lettres à Hérodote* et à *Ménécée* sont les principaux textes de ce travail. Aussi, la *Poétique* d'Aristote apparaît comme un texte importante, bien comme les textes *Vies et Doctrines des Philosophes Illustres* de Diogène Laërce, *Epicurea* de H. Usener et le *De Rerum Natura* de Lucrèce. À partir de l'investigation de las éditions en langue grecque de ces textes, édition en latin dans le cas du *De Rerum Natura*, son délimité les passages que figurent les mots relatives à la notion de limite.

Mots-clés : Limite, Beau, Nature, l'Étique.

*Als ästhetisches Phänomen ist uns das Dasein immer noch erträglich, und durch die Kunst ist uns Auge und Hand und vor Allem das gute Gewissen dazu gegeben, aus uns selber ein solches Phänomen machen zu können. (Nietzsche, Die fröhliche Wissenschaft § 107)*

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto da leitura de uma das mais precisas interpretações do epicurismo antigo, a saber, o artigo de P. De Lacy (1969) intitulado *Limit and variation in the Epicurean philosophy*. Para De Lacy, a doutrina dos limites é um tema que unifica a filosofia epicurista<sup>2</sup>. Seguimos na esteira desta interpretação e relacionamos as teses de Epicuro sobre as noções de belo e limite com o texto *Poética* de Aristóteles, mostrando que a noção de belo definida por este último na *Poética* se fundamenta nos conceitos de *péras* e *hóros* (ambos

---

<sup>2</sup>Cf. 1969, p.113

traduzidos por limite). Afirmamos também que as indicações sobre o belo que temos nos textos remanescentes de Epicuro se fundamentam sobre a noção de limite, guardando, por isso, semelhanças com as teses de Aristóteles. Sustentamos, ainda, que esta noção de belo percorre toda a ética epicurista e a fundamenta. O objetivo deste artigo é mostrar que a ética epicurista está alicerçada sobre a noção de belo e, conseqüentemente, sobre a noção de limite.

Além do texto de P. De Lacy, que nos serve de guia interpretativo, nos serviremos principalmente do texto *Vidas e Doutrinas dos Filósofos ilustres* de Diógenes Laércio (DL), cujo décimo livro é dedicado à filosofia epicurista e em que constam as três cartas de Epicuro (*Heródoto, Pítocles e Meneceu*) e as *Máximas Capitais* (MC). Também utilizaremos a *Poética* de Aristóteles, a compilação de Hermann Usener intitulada *Epicurea* (Us) e o *De Rerum Natura* de Lucrécio (DRN).

O trajeto deste artigo parte da constatação epicurista de dois níveis de compreensão da *phýsis*: o nível dos elementos constituintes e o nível dos corpos constituídos. Estes níveis são caracterizados com a intenção de mostrar que o estudo da natureza (*physiología*) epicurista sustenta uma ética dos limites e, por isso, uma ética-poética. Depois apresentamos a noção de belo estabelecida por Aristóteles e Epicuro e, por fim, como esta noção pode, por sua contiguidade com a noção de bem, fundamentar a ética epicurista.

## 2 O ILIMITADO E O LIMITADO

A primeira questão a ser colocada é: como o atomismo epicurista harmoniza a visão de que o todo é sem limites (*apeirón*) com uma ética baseada na noção de *péras* (limite)? Podemos acrescentar outra questão: onde estaria assegurada ontologicamente a compreensão ética de uma vida segundo limites? Para responder a estas perguntas é preciso considerar os níveis de compreensão da *phýsis* apresentados por Epicuro.

Há dois âmbitos naturais com características diferentes<sup>3</sup>, a primeira, acessada somente pelo pensamento, abarca os elementos que compõe a natureza; a segunda é o fruto das composições desses elementos primordiais, aparecendo sob os mais diversos fenômenos acessíveis pela sensibilidade. Podemos chamar a primeira de nível elementar e a segunda de nível cósmico ou dos compostos.

---

<sup>3</sup>Sobre essa distinção ver SEDLEY, 1988.

Infinidade, imperecibilidade, ausência de qualidades acidentais, necessidade, movimento eterno e existência, no sentido mais abrangente do termo, são características do nível elementar e constituinte; enquanto que finitude, perecibilidade, presença de qualidades acidentais, casualidade, movimento intermitente e existência relativa são características do nível cósmico ou dos corpos compostos.

Quando Epicuro diz “o todo é infinito” (DL, X, 42) ele se refere à infinidade dos átomos e do vazio e, portanto, ao nível elementar. Por outro lado, quando afirma que “um mundo (*kósmos*) é uma porção circunscrita (*periéchousa*) do universo ... destacado do infinito” (DL, X, 88), está se referindo ao nível cósmico ou dos corpos compostos.

Em textos como o *De Rerum Natura* de Lucrécio (1988) é possível perceber a tensão entre uma interpretação em que a natureza parece caótica e outra em que reina a harmonia natural. Expressões como “Tudo o que existe é ilimitado” (DRN, I, 960) coexistem com versos que cantam a harmonia e a regularidade da natureza: “tudo aparece encerrado dentro de certos limites” (II, 510). Esta aparente contradição se explica pela diferença de âmbito natural a que cada verso se refere. O primeiro verso citado se refere ao nível dos elementos e o segundo ao dos compostos.

É necessário compreender estas diferentes abordagens físicas para, por sua vez, entender os lastros da ética epicurista<sup>4</sup>. Respondendo à primeira questão posta, é preciso dizer que, embora o todo seja infinito, o mundo em que o homem vive é limitado e sua cognição é feita a partir dos limites das formas dos corpos compostos. Respondendo à segunda questão, a ética de Epicuro se sustenta no segundo nível ontológico da *phýsis*, no nível dos compostos e suas características acima descritas. Uma vez que os limites dos corpos asseguram sua existência, podemos pensá-los e lidar com as limitações a que estamos sujeitos enquanto compostos corpóreos.

### 3 VIDA BOA E BELA

Uma vez compreendido que a física atomista sustenta uma ética dos limites, devemos considerar as bases poéticas desta ética. Esta visão – uma ética-poética – está

---

<sup>4</sup>Diferentemente do atomismo pré-socrático, o mundo fenomênico não é apenas *nómos* (convenção), mas um nível ontológico diferenciado. Para esta discussão entre os modelos de atomismo antigo ver Morel, 1996, que inclusive defende esta compreensão de dois níveis ontológicos também no atomismo de Demócrito.

ancorada na relação existente entre as noções de limite e de belo. A pergunta aqui é: o que, no epicurismo, condiciona a excelência do homem?

Infelizmente não dispomos de uma das melhores obras de Epicuro, segundo Diógenes Laércio: *Peri Mousikés (Sobre a música)* (DL, X, 28<sup>5</sup>). No entanto, podemos inferir que tratava não só de música, mas também de poesia<sup>6</sup>. Diógenes de Tarsos nos informa nas *Lições Seletas* que Epicuro dizia que “somente o sábio discorrerá acertadamente sobre a música e a poesia” (DL, X, 120). O sábio é aquele que vive segundo os limites da vida. Somente quem conhece os limites pode falar bem sobre música, pois vive sob a noção de *péras* (limite) e sua vida se apresenta como uma obra de arte equilibrada e harmônica<sup>7</sup>.

A noção de belo que percorre a ética de Epicuro é semelhante a de Aristóteles na *Poética*:

O belo – ser vivente ou o que quer que se componha de partes – não só deve ter essas partes ordenadas, mas também uma grandeza que não seja qualquer. Porque o belo consiste na grandeza e na ordem (*megéthei kai táxei*), e portanto um organismo vivente, pequeníssimo, não poderia ser belo (pois a visão é confusa quando se olha por tempo quase imperceptível); e também não seria belo grandíssimo (porque faltaria a visão do conjunto, escapando à vista dos espectadores a unidade e a totalidade; imagine-se por exemplo um animal de dez mil estádios...) [...] assim também os mitos devem ter uma extensão bem apreensível pela memória. [...] O limite (*hóros*) imposto pela própria natureza das coisas é o seguinte: desde que se possa apreender o conjunto, uma tragédia tanto mais bela será quanto mais extensa. (*Poética*, VII, 1450b-1451a).

<sup>5</sup>Também dispomos de comentários sobre as origens da música presentes no poema *De Rerum Natura* do discípulo Lucrécio: “Muito antes de poderem os homens celebrar com um canto os versos harmoniosos e alegrar os ouvidos, imitaram-se com a boca as vozes límpidas das aves. E os silvos dos Zéfiros passando pelo oco dos cálamos ensinaram os lavradores a tirar os primeiros sons das escavadas canas. Depois, a pouco e pouco, aprenderam as doces queixas que derrama a flauta, tocada pelos dedos dos cantores, a flauta descoberta através dos bosques desviados, das florestas e dos matos, pelos desertos lugares que frequentam os pastores em seus divinos ócios. Assim, lentamente, o tempo apresenta cada uma das coisas e a razão o traz às regiões da luz”. (DRN, V, 1380)

<sup>6</sup>É possível inferir a presença da literatura nas abordagens sobre a música a partir de como ela é discutida na República de Platão: -incluí na música a literatura, ou não? - Decerto (República, 376 e). Cf. Nota 54 de Maria Helena da Rocha Pereira em PLATÃO (1993).

<sup>7</sup>Esta relação já era conhecida desde o século V a.C. Platão faz referência n'A República (400b) a um mestre de música ateniense chamado Dâmon que tratou a relação entre música e ética. O próprio Platão também aborda essa relação. Cf. nota 63 em PLATÃO (1993).

Nesta passagem, Aristóteles estabelece duas condições para algo ser predicado como belo: 1. suas partes devem ser ordenadas, obedecendo cada parte os limites uma da outra. 2. Ser limitado em grandeza (nem grande nem pequeno demais), dado que a possibilidade do espectador ter uma visão de conjunto é determinante para algo ser qualificado como belo. Sendo assim, algo desordenado ou de limites indiscerníveis não é belo. O limite (*hóros*)<sup>8</sup> imposto pela natureza das coisas é justamente o de sua apreensão.

O belo (*kalós*) de Epicuro não é *em si*, assim como não é *em si* o belo de Aristóteles. Na definição deste último, o belo só se atualiza se forem consideradas as condições de observação. Epicuro, por sua vez, diz: “Odeio a beleza e aos que tolamente a admiram quando não produz prazer algum”<sup>9</sup> (512 Us.). Aristóteles concorda com estes dizeres quando afirma que *hedoné* acompanha a contemplação de imagens perfeitas, da melodia e do ritmo (*Poética*, IV, 1448b). Epicuro reduz o belo ao campo da imanência e ao que proporciona o prazer, rejeitando, assim, as teses dos “amigos das ideias”<sup>10</sup>. Fazendo isso, sintoniza o belo ao *télos* da ética epicurista: *hedoné*. O belo não difere do bom, ou seja, o prazer é belo. Uma vida regida pelas características da beleza é uma vida boa. Se considerarmos isso, compreenderemos todos os preceitos epicuristas que incitam a moderação.

No Epicurismo há uma correlação entre prazer (*hedoné*) sabedoria (*phrónesis*), beleza (*kalós*) e justiça (*díkaios*). “Não é possível uma vida prazerosa (*hedéos*) se não se vive com sabedoria, beleza (*kalós*) e justiça, nem é possível uma vida sábia, bela e justa se não se vive prazerosamente”. (*Máximas Capitais*, V). Uma vida boa (prazerosa) é uma vida de observação dos limites. Sabedoria, beleza e justiça têm em comum a noção de limite (*péras*). A justiça é bela e boa porque partilha da noção de limite que é comum à sabedoria (*phrónesis*) e também ao belo. O mesmo vale para a *phrónesis* que só se configura como tal na regulação dos excessos. E como vimos, o belo se caracteriza pela limitação da grandeza e ordenação das partes. A investigação da natureza ensina ao sábio o que é da ordem do limitado e o que é da ordem do ilimitado (*ápeiron*). As excelências são da ordem de *péras*. Não se pode viver agradavelmente se não vivermos de modo harmônico, obedecendo aos limites naturais. “A

<sup>8</sup>Nas *Máximas Capitais* XI e XV, Epicuro utiliza o termo *hóros* para falar dos limites dos sofrimentos e das riquezas.

<sup>9</sup>Em grego: προσπτύω τῷ καλῷ καὶ τοῖς κενῶς αὐτὸ θαυμάζουσιν, ὅταν μηδεμίαν ἡδονὴν ποιῇ. Athenaeus XII, 547a.

<sup>10</sup> “Os amadores de audições e de espetáculos encantam-se com as belas vozes, cores e formas e todas obras feitas com tais elementos, embora o seu espírito seja incapaz de discernir e de amar a natureza do belo em si” (PLATÃO, 1993, 476b).

excelência é a única coisa inseparável do prazer” (DL, X, 138): A intemperança, o medo, a feiura, enfim, o vício, podem ser separados do prazer, mas não a *areté*.

O jovem Meneceu ansiava por viver de modo belo. Sabendo disso, Epicuro o adverte acerca das condições para a consecução de seu objetivo. Para alcançar a vida bela é necessário meditar preceitos, esforçar-se, lapidar-se. “Põe em ação os preceitos que te comuniquei ininterruptamente e medita, com a nítida consciência de que eles são os elementos fundamentais de uma vida bela” (DL, X, 123). Na ausência de castigos *post mortem*, nem de deuses vingativos, o motivo para se levar uma vida excelente, mesmo em situações desvantajosas, é a poetização da vida, ou seja, a produção de uma vida bela.

O tema da vida bela volta à tona no passo 126 da *Carta a Meneceu*, mas agora acompanhado da consideração da morte bela (*kalós apothnéskein*).

Quem aconselha o jovem à bela vida (*kalós zén*) e o velho à morte bela (*kalós katastréphein*), fala insensatamente, não só porque a vida é desejável, mas também porque a meditação (*meléten*) sobre uma vida bela coincide com a meditação sobre uma morte bela (DL, X, 126).

Nessa passagem a vida bela aparece associada à morte bela. A vida bela não é vetada aos velhos, tampouco a morte bela é vetada aos jovens. A meditação (*méletem*) sobre a vida segundo padrões de ordenação e grandeza é ao mesmo tempo uma meditação sobre a morte bela. A meditação sobre a morte nos mostra que morremos constantemente, na mesma medida em que vivemos. Mostra-nos que não há o que temer na morte. Mas esse saber sobre a morte não deve ser estímulo para a deserção da vida. Pelo contrário, deve servir para nos empenharmos na meditação de uma vida comedida, que preserve o corpo e a alma. Uma morte bela decorre da compreensão dos limites naturais, nos quais e pelos quais se vive e morre.

#### 4 LIMITE E BEM

Epicuro usa dois termos para se referir à ideia de limite: *péras* e *hóros*. Ambos são utilizados indiscriminadamente com o sentido de limite. A questão que nos move neste tópico é: de que modo Epicuro aplica estas noções de limite ao bem?

A maior parte dos textos em que estes termos figuram se encontram nas *Máximas Principais* (*Kýruai Dóxai*). Eles se referem, sobretudo, aos limites dos desejos e dos prazeres. Epicuro deixa claro que o prazer tem, por natureza, limites determinados.

O prazer carnal não cresce quando o sofrimento devido à necessidade é afastado, mas somente varia. O limite (*tò péras*) dos prazeres da alma resulta do cálculo racional dos próprios prazeres e das emoções afins a eles, causas habituais dos maiores temores do espírito. (MC, XVIII)

O prazer é bom e belo e, enquanto tal, tem grandeza e ordem determinadas. O prazer da carne não aumenta além do experimentado depois que a dor é afastada. No entanto, os desmedidos, supõem a infinitude dos prazeres por desconhecerem os limites da natureza. A vida do vicioso é desprovida de beleza, portanto, desprovida de bem, de justiça, de sabedoria. Ou seja, o que o homem vicioso opina que é prazer, na verdade é dor. Porque o prazer é pontual, limitado, bem ordenado.

A magnitude do prazer atinge seu limite (*hóros toû megéthous tôn hedonôn*) na remoção de todo sofrimento. Quando o prazer está presente, durante todo o tempo em que ele permanece não há dor nem no corpo, nem na alma, nem nos dois. (MC, III)

Epicuro, nesta máxima, parece responder a uma dúvida sobre a natureza do bem: o bem é duplo? Um para a alma e um para a carne? A resposta, como se deriva da interpretação da máxima, é negativa. Quando o prazer está presente, seja em que parte for, na alma ou no corpo, não existe dor. Não é possível sentir dor e prazer ao mesmo tempo. Esta perspectiva segue o mesmo prisma da interpretação do belo por Aristóteles na *Poética*, o belo é ordenado (*táxei*), é todo (*tò hólon*), é uno (*tò hén*), embora composto de partes<sup>11</sup>.

A opinião dos dissolutos sobre aquilo que gera prazer, os faz perseguir causas infinitas para produção de prazeres supostamente infinitos. Como afirma Epicuro:

Se as causas dos prazeres dos dissolutos libertassem o pensamento de tais pessoas do temor suscitado pelos fenômenos celestes, pela morte e pelos sofrimentos, e se ainda lhe ensinassem os limites dos desejos (*tò péras tôn epithymiôn*), nunca teríamos razões para censurá-los, pois estariam cumulando-se de toda espécie de prazeres e seu corpo e sua alma nunca experimentaríamos sofrimentos, que são o mal da vida. (MC, X)

---

<sup>11</sup>Cf. *Poética* 1451<sup>a</sup>



No entanto, se estas causas de prazer produzissem uma vida bela, sem temor, limitada em ordem e grandeza, seriam, pois, a melhor das causas e produziriam a melhor das vidas. Mas não produzem uma vida bela e não afastam o sofrimento. Acima de tudo não ensinam a ter os desejos limitados. Se a procura de riquezas, por exemplo, para se obter prazer, for conforme a natureza, então é limitada e fácil de conseguir. Mas desejar se adequar à opinião da multidão a respeito do que devemos possuir, é assegurar a própria insatisfação. Isso acontece porque a opinião é da ordem do ilimitado, do impreciso, enquanto que o conhecimento é da ordem do limite e do preciso<sup>12</sup>.

Assim, Epicuro chega a mesma conclusão que os pitagóricos, que segundo Aristóteles na *Ética a Nicômaco*, diziam que “o mal pertence à classe do ilimitado e o bem à do limitado” (EN, 1106b. 30)<sup>13</sup>.

Quem aprendeu a conhecer os limites da vida (*ho tà pérata tou bíou*) sabe que aquilo que remove o sofrimento devido à necessidade e torna a vida completa é fácil de obter; sendo assim, não há necessidade de ações que envolvam luta. (MC, XXI)

O bem é harmônico, quem se põem no seu encaixo o obtêm sem luta (*agônas*). *Hedoné*, assim como o belo, não é dividido em si mesmo, é uno, pois não comporta sedições (corpo contra alma, alma contra corpo). O prazer é atômico, impartível, todo, limitado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A noção de belo subjaz a toda recomendação ética de Epicuro posto que foi forjada a partir da compreensão do conceito de limite. Aristóteles, como vimos, também molda o seu conceito de belo a partir das noções de *péras* e *hóros*. Do mesmo modo que estes filósofos concebem o belo, o bem é alcançado ao se viver em constante reflexão sobre os limites da natureza. Uma vida excelente é, portanto, uma vida que respeita os limites do corpo e da sociabilidade. Dito de outro modo, uma vida boa é uma vida bela.

A teoria atomista, ao postular a infinitude dos átomos e do vazio, não reduz as possibilidades de explicação dos fenômenos naturais apenas às relações entre átomos no vazio. Esta teoria permite pensar uma teia de causas que podem ser mapeadas a partir dos

<sup>12</sup>“A riqueza conforme a natureza é limitada (*hóristai*) e fácil de obter; a requerida pelas opiniões vãs estende-se ao infinito” (MC, XV).

<sup>13</sup> *Tò gàr kakòn apeírou hós hói Pythagóreioi eikazon tò d’agathòn toû peperasménou*

átomos e, por isso, permite realizar uma interpretação ascendente - dos átomos para os compostos – e, ao mesmo tempo, permite interpretar o mundo a partir de causalidades horizontais<sup>14</sup>, ou seja, na relação estabelecida entre corpos compostos. Por isso, como vimos, é possível pensar uma ética fundamentada no conceito de limite.

Uma vez que a ética epicurista nega a transcendência, é concebível imaginar que muitos sentiriam a ausência de um sentido maior para se viver. Para estes Epicuro aconselha uma vida bela, cujo sentido último é o de realizar o mais belamente possível a narrativa da vida humana. O prazer, por si só limitado, configura-se como guia do homem em direção a uma vida bela. Em suma, viver belamente é o mesmo que viver segundo limites naturais que, por sua vez, é o mesmo que o bem do homem e, por fim, o mesmo que o prazer.

#### REFERÊNCIAS:

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Rosá. 1ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- \_\_\_\_\_. **Poética**. Tradução, comentários e índices analítico e onomástico de Eudoro de Souza. 1ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- DE LACY, P. *Limit and variation in the Epicurean philosophy*. **Phoenix**, nº23, 1969, p. 104-113.
- DIÔGENES LAÉRTIOS. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Trad. Mário da Gama Kury. 2ª ed. Brasília: UNB, 2008.
- LUCRÉCIO. **Da natureza**. In: EPICURO. et al. Trad. Agostinho da Silva. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- LUCRECIO. *De la naturaleza*. Trad. Eduard Valentí Fiol. Barcelona: BOSCH, Casa editorial, S.A., 1976.
- MOREL, P.-M. *Démocrite et la recherche des causes*. Paris: Klincksieck, 1996.
- NIETZSCHE. *Die fröhliche Wissenschaft*. 1882. Disponível em: <<http://gutenberg.spiegel.de/buch/die-frohliche-wissenschaft-3245/5>> acesso em: 14 de Março de 2017.
- PLATÃO. **Replública**. Tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. 7ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

---

<sup>14</sup>Cf. SEDLEY, 1988, p. 317.

SEDLEY, D. “*Epicurean Anti-Reductionism*”. *Matter and Metaphysics*, Barnes, J.; Mignucci, M. (Ed.). Nápoles, Bibliopolis, 1988 (p. 295-327).

USENER, H. *Epicurea*. Stuttgart: E. G. Teubner, 1966.